

Yakecan, a hipérbole das imagens¹²

Ana Taís MARTINS³

Francisco dos SANTOS⁴

Rayane LACERDA⁵

Maria Eduarda WELTER⁶

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

A agilidade dos veículos jornalísticos nas redes sociais e a facilidade de participação do público leitor fornece um material rico para o estudo do imaginário que circula através das comunicações hoje, tendo o fotojornalismo papel fundamental por seu apelo visual, que envolve rapidamente. O objetivo deste estudo é verificar as lógicas do imaginário movimentado por uma notícia sobre o ciclone Yakecan publicada no canal Instagram do Estadão. Utilizamos como referencial teórico a Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand e sua mitocrítica como metodologia. São analisadas as imagens, o texto que as acompanham e os comentários dos leitores. Conclui-se que um imaginário fundado na lógica hiperbólica, combativo e com desejo de dominação, se movimenta em toda a publicação estudada, tanto nas imagens e texto jornalístico quanto nos comentários populares.

PALAVRAS-CHAVE: fotojornalismo; imaginário; Yakecan; Instagram; comentários dos leitores.

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Trabalho realizado com apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Brasil) - Código de Financiamento 001, e do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil).

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2003) com pós-doutorado em Filosofia da Imagem pela Université Jean Moulin - Lyon/3 (2013). Professora do Programa de Pós-Graduação e do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Bolsista do CNPq – Brasil. E-mail: anataismartins@icloud.com.

⁴ Doutor em Comunicação pelo PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), membro do Imaginalis – Grupo de Pesquisa sobre Comunicação e Imaginário (CNPq/UFRGS). E-mail: chico.f.santos@gmail.com.

⁵ Mestra e doutoranda em Comunicação pelo PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e membro do Imaginalis – Grupo de Pesquisa sobre Comunicação e Imaginário (CNPq/UFRGS). Bolsista da CAPES – Brasil. E-mail: raylavisi@gmail.com.

⁶ Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), membro do Imaginalis – Grupo de Pesquisa sobre Comunicação e Imaginário (CNPq/UFRGS). E-mail: weltermariae@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Em maio deste ano, o sul do Brasil esteve em alerta máximo devido a um ciclone extratropical previsto para chegar na região. Na medida em que o fenômeno se aproximava, os alertas ficavam mais intensos e as pessoas, por sua vez, mais assustadas. Escolas suspenderam as aulas, comércio fechou suas lojas e os gaúchos, em sua grande parte, evitaram sair às ruas, priorizando ficar em casa para se proteger.

A expectativa, segundo os meteorologistas, era de ventos acima de 100 quilômetros por hora, o que configura a potência de um furacão. Atrelado a isso, chuvas fortes e intensas eram esperadas e as cidades do Rio Grande do Sul se prepararam para lidar com danos no sistema elétrico e no abastecimento de água, quedas de árvores e um possível destelhamento de casas. Havia um perigo ainda maior para pessoas em situação de rua, as quais foram orientadas a encontrar abrigo em ginásios e albergues. Estar na rua, sobretudo durante o início da noite e no decorrer da madrugada, era realmente um perigo eminente.

Definido como tempestade marítima pelo MetSul (NACHTGALL, 2022), uma das principais fontes de informação meteorológicas da região Sul, o ciclone foi nomeado Yakecan, uma palavra tupi-guarani que significa “o som do céu”. A nomenclatura, dada pela Norma da Autoridade Marítima para Meteorologia Marítima (Nornam), indica a preocupação dos especialistas, pois apenas fenômenos atípicos são denominados.

Ao final do período de alerta, constatou-se que as áreas do litoral foram mais afetadas, mas, mesmo na capital Porto Alegre, o vento alcançou a marca de 107 quilômetros por hora e um pescador morreu ao ter seu barco virado pela ventania no lago Guaíba. Entretanto, mesmo com alguns prejuízos e uma morte, de forma geral os efeitos foram mais brandos do que o esperado.

Eventos meteorológicos potencialmente destruidores como este provocam respostas em que as lógicas do imaginário são evidenciadas. Isso porque o imaginário, de acordo com a definição adotada neste trabalho, afiliada à Escola de Grenoble, é fundado na consciência da morte, na percepção da finitude (DURAND, 1997). É a partir dessa consciência que se diferencia o *Homo sapiens* dos demais homínídeos – e a subespécie *sapiens sapiens*, à qual orgulhosamente pertence a moderna humanidade e ao contrário do que seu nome na classificação biológica indica, nem sempre sabe que sabe. A citação,

em epígrafe, do diálogo de Mênon com Sócrates escrito por Platão, à primeira edição brasileira de *As estruturas antropológicas do imaginário* (DURAND, 1997), não poderia ser mais feliz ao indicar a propriedade mais sugestiva do imaginário. Pergunta Sócrates se, “naquele que não sabe, existem, acerca dessas coisas que acontece ele não saber, pensamentos verdadeiros sobre as próprias coisas que não sabe”, ao que Mênon responde afirmativamente. E Sócrates conclui: “E agora esses pensamentos erguem-se nele, como se de um sonho se tratasse” (PLATÃO apud DURAND, 1997, p. 7).

As coisas que não sabemos que sabemos começam a se sedimentar no inconsciente antropológico quando é superada a condição dos primatas. ELIADE (2010) afirma a fundamentalidade da postura vertical para a hominização. Ao organizar o espaço a partir do eixo central alto/baixo e não mais como à frente, atrás, à direita, à esquerda, em cima, embaixo, o agora Homo se sente “[...] ‘lançado’ no meio de uma extensão aparentemente ilimitada, desconhecida, ameaçadora [...]” (ELIADE, 2020, p. 17). Esse mesmo reflexo postural que coloca o Homo de pé é identificado por Durand (1997) como um dos reflexos dominantes, capazes não apenas de limitar ou inibir outros reflexos concomitantes como sobretudo engramador de um certo tipo de lógica, aquela que conhecemos muito bem a partir de nossos hábitos de pensamento, a lógica da separação, da distinção dual, em pares de opostos, e que implica a luta contra um dos lados e o enaltecimento do outro. Essa lógica é bem representada pela figura da hipérbole porque há uma tendência ao exagero, à polarização acentuada, que elimina os meios-tons.

Se pensarmos no *Homo* arcaico se vendo diante da imensidão de um espaço desconhecido, agora que sua visão está descortinada porque posicionada ao alto, não será difícil imaginá-lo atemorizado diante desta enormidade incógnita, apequenado. Sua pequenez contrasta com o gigantismo do que o rodeia, e esse ao redor é o Outro, o diferente, o que não é ele mesmo. Sentir-se pequeno é sentir-se criatura, mas não se conhece realmente o criador; é o mistério que faz tremer de que fala Otto (1985). Não tocamos esse mistério, fazemos parte dele sem, no entanto, compreendê-lo: é o sentimento do sagrado. Esse sentimento do sagrado permanece no *Homo*, mesmo entre os que se dizem descrentes, pois o sentido da existência se faz por meio de uma escala de valores. O que quer que esteja no topo dessa escala será sagrado.

Temos, então, no nascimento do imaginário, uma dupla injunção: a do medo diante do mistério que pode nos aniquilar e que provoca o sentimento do sagrado e a da consciência que se constitui, o entendimento de que o mundo é separado de nós mesmos. No entanto, enquanto o sentimento do sagrado é uma estrutura antropológica, incontornável, não pertencente apenas ao homem arcaico, uma estrutura que nos acompanha através do processo dito civilizatório, a consciência é uma fase desse mesmo processo, conforme pontua Jung (2016).

O imaginário traz as soluções para esse medo bio-antropologicamente fundado; nesse sentido, o imaginário é sempre resposta de vida à questão da morte. Esse entendimento de imaginário coloca de lado quaisquer associações com ilusão, falsidade, mentira, ideologia etc. Muito embora tudo isso possa participar da resposta do imaginário, ele é bem mais amplo: é ele a condição necessária para que qualquer raciocínio, figurativo ou não, aconteça. Embora uma de suas lógicas, aquela que acima chamamos de hiperbólica, abrigue com frequência o que é visto como pensamento racional, ela não é única. Além do reflexo postural, temos outros dois reflexos que também são dominantes, também são vitais ao ponto de inibirem os demais: o reflexo de engolimento e o reflexo rítmico que também engendram lógicas específicas.

O reflexo de engolimento se refere à descida digestiva, situando-se no pólo contrário do reflexo postural, que é de elevação. Enquanto o reflexo postural estimula/é estimulado (de fato, o circuito é retroalimentado) pela lógica hiperbólica, o reflexo digestivo se cola a uma lógica eufemística, que atenua as causas do medo fundamental. O inimigo não cresce, e sim diminui, se torna até amigo. As fronteiras entre isso e aquilo se esbatem e o universo é realmente uno, ao ponto de nem se saber – e não ser importante - se algo pertence a nós ou ao outro.

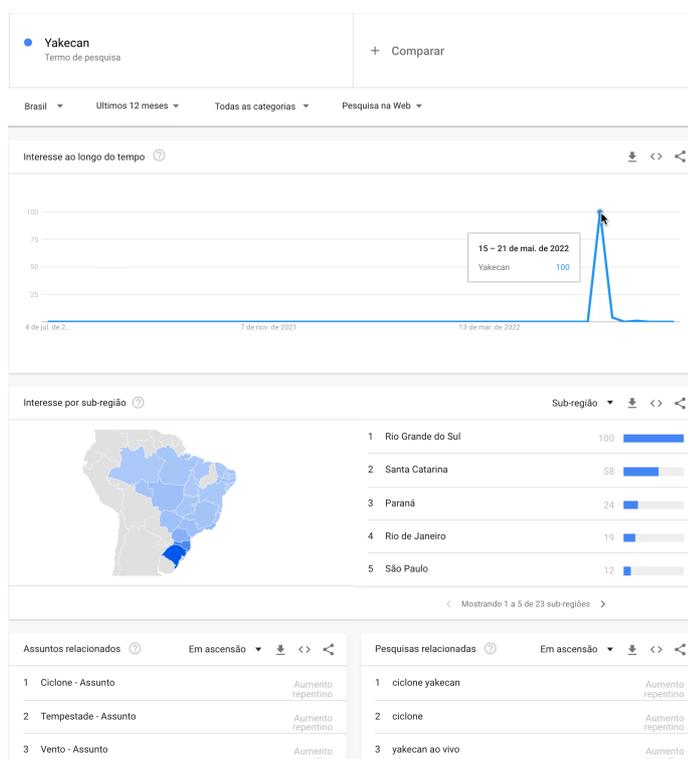
O outro reflexo dominante é o rítmico, que pode se referir, claro, à rítmica sexual, como indica Durand (1997), mas que talvez já esteja presente desde muito cedo no desenvolvimento da criança, antes que a sexualidade se manifeste: o ritmo é fundamental para o bebê ao mamar. Estudos da área da Saúde apontam a importância do ritmo de sucção em recém-nascidos. Hernandez (1996) salienta que alterações no ritmo de sucção têm sido apontadas como um dos indicadores de disfunção ou dano cerebral em recém-nascidos (HERNANDEZ, 1996 *apud* RODRIGUES, 2007). Na lógica aderente a esse

reflexo, não há nem distinção hiperbólica nem indistinção metaforizante e sim harmonização dos contrários, inclusão do terceiro num procedimento oximorônico.

Essas três lógicas estão na base do que podemos chamar de construções humanas, construções que, todas elas, fundam a realidade e constituem o imaginário. Na maior parte das vezes – salvo em situações patológicas, social ou individualmente -, elas não se apresentam em forma pura, e sim combinadas umas às outras. Mesmo assim, uma delas costuma predominar, tornando possível um diagnóstico social a partir da análise de manifestações do imaginário, como por exemplo as notícias.

Escolhemos uma publicação no Instagram do jornal Estadão sobre o evento meteorológico que se tornou o centro das conversas no sul do Brasil nos dias 16 e 17 de maio de 2022. O *Google Trends* mostra um interesse repentino nas buscas da palavra Yakecan e de termos relacionados, nesta época no Rio Grande do Sul:

Figura 1: representação gráfica do *Google Trends* das buscas pelo termo Yakecan no Brasil



Fonte: <https://trends.google.com.br/trends/explore?q=Yakecan&geo=BR>

A participação direta dos leitores nas publicações de notícias pela chamada grande mídia nas redes sociais, tais como no Instagram, possibilita compreender as lógicas do imaginário movimentadas não apenas nas fotografias veiculadas, mas também na sociedade em torno dos temas abordados. Até o início do mês de julho de 2022, a notícia aqui estudada teve 79.436 curtidas.

Em pesquisa sobre as lógicas do imaginário do fazer jornalismo, Barros (2008) constatou a predominância absoluta, chegando mesmo a um nível patológico, da lógica hiperbólica no imaginário movimentado pelo discurso noticioso acerca dos vendedores ambulantes que ocupam espaços nas ruas do centro de Porto Alegre, RS. Isso se confirma na fotonotícia sobre um evento meteorológico potencialmente destruidor? E qual é a lógica do imaginário movimentada pelos comentaristas das fotos? A pesquisa de Barros (2008) abordava um fato desaprovado pelo poder público enquanto o estudo aqui realizado se debruça sobre um fato da natureza. Também diferentemente da pesquisa de Barros, que recortou somente os textos jornalísticos, recortamos aqui todo o material publicado na notícia: fotografias, vídeos e texto. Um terceiro ponto a destacar nesta comparação é o fato de que a investigação sobre o imaginário movimentado em torno dos vendedores ambulantes, além do estudo dos textos jornalísticos, mergulhou nas histórias de vida dos ambulantes, desenhando também esse imaginário, tendo por resultado um flagrante contraste com aquele movimentado pelo jornalismo, de modo que esse jornalismo se mostrava fundamentalmente infiel à realidade, ao contrário do que alegava. Na presente pesquisa, desenharemos o imaginário não de quem vive o acontecimento que deu origem ao fato jornalístico, mas dos comentadores da notícia. O contraste entre o que diz o jornalismo e o que dizem os comentadores se mantém do ponto de vista do imaginário?

Para responder essas perguntas, realizamos a mitocrítica das fotografias, dos vídeos, do texto noticioso e dos comentários dos leitores, localizando as lógicas do imaginário a partir dos verbos que remetem às ações derivadas das figurações hiperbólicas, eufemísticas e oximorônicas, respectivamente distinguir, misturar e reunir. Na apresentação do material e descrição dos resultados a seguir, detalharemos aspectos e consequências destas lógicas na medida em que surgirem.

A AÇÃO DA NATUREZA

O texto da notícia diz:

CAOS NO SUL 🌀 A terça-feira, 17, foi conturbada nos municípios do Rio Grande do Sul, em especial nas cidades da região Leste do estado com a chegada do ciclone subtropical Yakecan, prevista pelos meteorologistas com antecipação.

Em consequência deste fenômeno, por precaução, vários municípios gaúchos tiveram que suspender as aulas nas escolas e universidades entre terça e quarta, 18. Em Porto Alegre, ainda na noite de segunda, 16, um pequeno barco com três pescadores naufragou no lago Guaíba causando a morte de uma pessoa. O corpo da vítima, identificado como Ademir Silveira da Silva, de 51 anos, foi encontrado pelos bombeiros na manhã desta terça-feira, 17, na zona sul da capital. Os outros dois tripulantes conseguiram se salvar.

De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (InMet), a tempestade deve provocar ventos de mais de 100 km/h até o decorrer da noite desta quarta-feira, 18, quando começa a perder força. O fenômeno foi classificado como alerta vermelho, o mais grave do sistema de avisos do órgão.

O Uruguai, país que faz fronteira com o Brasil no Rio Grande do Sul, também foi fortemente afetado pelo ciclone. Pelo menos uma pessoa morreu no país devido ao ciclone. A capital Montevideú e a cidade de Punta del Este estão entre as mais afetadas (@estadao, Instagram, 2022).

Na legenda da fotonotícia, podemos notar algumas indicações de atuação do imaginário e seus regimes de imagem, principalmente aspectos que se relacionam ao medo da morte, primordial e fundante das respostas simbólicas humanas. Primeiro, o texto começa destacando a sensação de caos com a frase “Caos no sul” em caixa alta, chamando a atenção do leitor. Compreendemos que este é o tom que o jornal busca dar para a notícia sobre o ciclone que se aproximava da região sul do país, pois introduz a legenda com essa frase chamativa.

O caos traz a insegurança que, no limite, é a própria morte. Essa desorganização aparece na sequência do texto, onde o jornal diz que “A terça-feira, 17, foi *conturbada*...”, ou seja, foi um dia caracterizado pela bagunça, pela ausência de tranquilidade e pela agitação que se formou em torno do fenômeno ambiental previsto. Ainda na legenda da publicação, fala-se, primeiro em relação a cidade de Porto Alegre, sobre a “morte de uma pessoa” e, depois, frisa-se a questão da morte no contexto de outro país, o Uruguai, o qual

“foi fortemente afetado” e onde “pelo menos uma pessoa morreu”, tocando novamente no ponto da desorganização, da desestabilização que pode ter como resultado a morte.

Também há a presença de uma força de previsão que se associa a distinção. Nas frases “*prevista* pelos meteorologistas com *antecipação*” e “por *precaução* vários municípios...”, manifesta-se a lógica de uma ação no momento presente orientada por um futuro que ainda não foi vivido.

Após observar elementos simbólicos na legenda, voltamos nossa atenção para as imagens e vídeos que compõem a notícia. Como já mencionado, são conteúdos publicados no canal do Estadão na rede social Instagram, em formato carrossel, conforme os prints abaixo.

Figura 2: Ondas ultrapassam a Rambla de Montevidéu durante a passagem do ciclone subtropical.

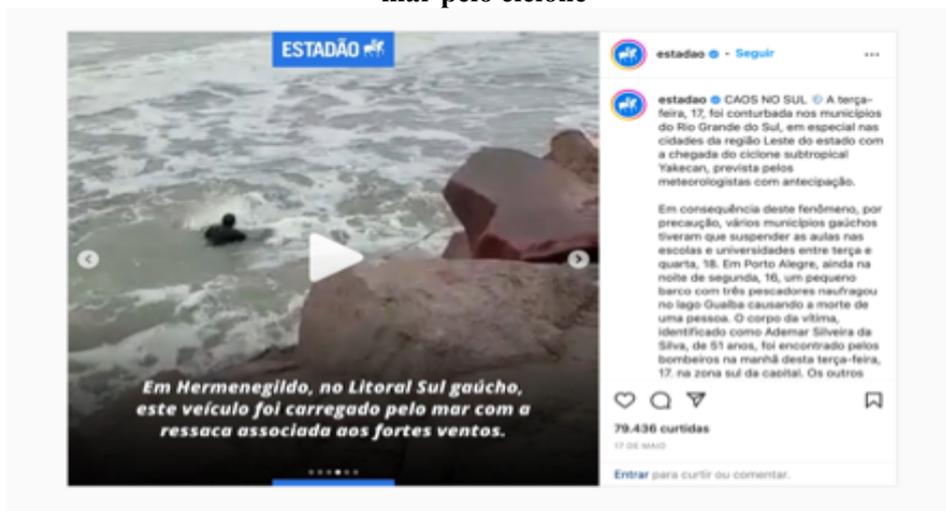


Fonte: Fabio Porciuncula/AFP. Captura de tela de @estadao, Instagram, 2022.

Na fotografia, visualizamos um contraste entre a água, que invade o espaço da cidade, e os prédios ao fundo, os quais estão estáticos, impassíveis diante da tempestade.

Os prédios altos, orgulhosas construções humanas, não se abalam com a onda potente, mesmo furiosa que se ergue no primeiro plano. A lógica da elevação da inteligência acima da natureza, a separação homem/natureza comanda a composição.

Figura 3: frame de vídeo mostra homem tentando resgatar carro que foi levado para o mar pelo ciclone



Fonte: captura de tela de @estadao, Instagram, 2022.

A captura de tela acima corresponde ao primeiro *frame* de um pequeno vídeo que integra o carrossel de figuras da notícia sobre o ciclone. O vídeo mostra um homem no mar segurando uma corda na tentativa de salvar o veículo que está sendo carregado pela correnteza. Seria uma lógica eufemizante, em que as águas acolhem o humano e esse a elas se mistura? No decorrer do vídeo, entende-se que o homem está buscando *salvar* o seu carro; com uma corda, ele puxa o carro, tentando retirá-lo do mar. A lógica é a da distinção, da identificação clara do inimigo, da separação entre o que é bom e ruim. A luta é decorrência natural desta lógica. Para não perder o que conquistou, o homem se lança ao combate contra o que o ameaça.

Figura 4: animação de mapa meteorológico prevendo deslocamento de vento do ciclone



Fonte: captura de tela de @estadao, Instagram, 2022.

A figura apresenta um mapa meteorológico mostrando com uma *pré*-visão, numa lógica flagrantemente separadora: a antecipação é sempre distinção do que, entre inumeráveis possibilidades, provavelmente vai acontecer. O hoje é isso, o futuro será aquilo. Apenas o gesto postural, a elevação acima da latitude do agora permite compreender o devir.

A ilustração reforça visualmente essa lógica distintiva. Há traços que formam os contornos do Brasil, *dividido* em estados, e redemoinhos coloridos, em tons quentes, que pretendem significar os ventos fortes previstos para a região Sul. Não temos como olhar o Rio Grande do Sul, por exemplo, concretamente de cima das nossas casas. Talvez, conseguiríamos ter essa perspectiva somente sobrevoando a região sob um certo ângulo. Contudo, ainda assim, não seria possível visualizar os ventos fortes em tons quentes da forma como eles estão desenhados na simulação. Por esse motivo, é como se a imagem materializasse um fenômeno, tornando possível a sua visualização e, conseqüentemente,

construindo um olhar humano comum que observa, analisa e julga possíveis danos e prejuízos.

O FIM DO MUNDO SEGUNDO O JULGAMENTO HUMANO

Antes de buscar as imagens presentes nos textos dos comentários da postagem, é importante levar em consideração algumas características inerentes a este tipo de texto, que foram percebidas ao longo do processo. Em primeiro lugar, a maioria dos comentários assume um tom coloquial, com o uso de gírias, regionalismos e ironias, além das contrações textuais, que indicam uma espontaneidade da reação dos leitores frente ao conteúdo do jornal. Em segundo lugar, a possibilidade que a rede social dá aos usuários de marcarem outros perfis, criando hiperlinks, permitiu que diversos comentários trouxessem mais usuários para a audiência. Em terceiro lugar, percebe-se o uso expressivo de ícones, emojis, de flocos de neve, bonecos de neve, furacão, entre outros, que permitiram a expressão das reações dos usuários sem o uso de palavras. Conseqüentemente, no conjunto de comentários, aqueles com gírias muito abstratas, hiperlinks para outros perfis e emojis serão apresentados de forma menos aprofundada do que os comentários que trazem textos mais elaborados.

Na medida em que nos aprofundamos nos comentários e suas relações com as estruturas dinâmicas do imaginário, podemos identificar, inicialmente, o conflito humano frente ao universo da angústia, numa lógica de separação. Mais especificamente, o primeiro grupo de comentários compartilha a experiência dos usuários frente ao caos produzido pelo ciclone. Alguns usuários descrevem os estragos imputados pelo fenômeno, como a tempestade de areia, uma ventania, que trouxe a sensação "[...] que as janelas serão arrancadas a qualquer momento". Outro afirma: "tudo alagando pra perto da praia, arvore [SIC] caindo etc", além de outros manifestando pavor, angústia, apresentando o medo sentido ao observar o acontecimento. Até mesmo os emojis trazem este sofrimento: ícones de rostos chorando com algumas lágrimas, com correntezas saindo dos olhos, rostos boquiabertos.

Outra usuária comenta: "que confusão esse clima". A confusão, neste caso, está ligada ao caos que se instaurou, como se fosse algo a ser evitado por aqueles que estão expostos a ela. Também, se apresentaram comentários fatalistas, como "o mundo está

acabando", além de usuários clamando a intercessão divina frente aos acontecimentos: "Deus acampa teus anjos e protege o teu povo. Tenha misericórdia Senhor. Estou orando na madrugada. Quando clamamos Deus responde", "Que Deus tome conta de todos" e "Tenha misericórdia Senhor". Este primeiro conjunto nos mostra o pavor da humanidade frente àquilo que pode matar, destruir ou provocar qualquer dano à integridade humana. As imagens evocadas pelo texto nos levam à luta pela sobrevivência frente ao caos, ao horror do mundo que nos cerca.

Um segundo grupo de comentários, também bastante presente ao longo do conjunto de manifestações sobre a postagem, traz o medo da morte associado à queda. Por sua vez, esta queda não está somente ligada à destruição causada pelo ciclone, mas também guarda uma relação com a degradação moral da humanidade. Ironicamente, uma usuária diz: "vamos continuar desmatando nossos biomas que vai dar certinho isso aí", remetendo à falta de cuidado despreendida até aqui, como se o desdém com o meio ambiente, tanto da sociedade quanto das lideranças, dos governos, fosse o responsável maior pela catástrofe. Outro comentário toma partido: "O pessoal tá vendo o que tá pra acontecer e ainda insiste e encarar o mar nessa situação, falta de informações não é", mostrando aqui a preocupação com a apatia e a irresponsabilidade frente às causas ambientais. Diante de comentários clamando a intercessão divina, outro usuário pontua que o que está acontecendo é fruto de uma escolha errada feita pelo homem: "que Deus tem a ver com as escolhas do homem, caro fake?? Me poupe". Neste grupo, sobressaem comentários que condenam estas escolhas erradas: o uso de agrotóxicos, desmatamento, queimadas, poluição, entre outras ações da humanidade que abriram caminho para o desastre que se apresenta agora. Também, a apatia dos sujeitos e das instituições frente ao caos instalado se somam a esta condenação.

A partir destas preocupações, com o fim do mundo e com a queda moral da humanidade, aparecem, em um terceiro grupo, comentários que menosprezam e ironizam a preocupação com o fim do mundo. Após um comentário afirmando que as pessoas estão "achando bonito" a destruição humana, outros usuários debocham, afirmando que é bonito mesmo, assim como outro diz: "Tenho nem roupa pra esse evento gata", sugerindo que não está preparado, mas que também não está preocupado. Em outro comentário, um usuário cita o trecho *I say a little prayer for you*, da música homônima interpretada por

Aretha Franklin, demonstrando despreocupação com o cenário que se apresenta à frente. Outros comentários negam o cenário de pânico que se instaura, afirmando "isso sempre existiu e sempre existirá" ou "são comuns nessa época". Este grupo de comentários não se coloca na busca por responsáveis ou culpados pelo caos que se apresenta, mas indica a aceitação plena das imputações do planeta e entende o mal que se aproxima como algo inexorável, que não temos nem responsabilidade a respeito, nem como escapar deste destino.

Também, em meio aos comentários, se destaca uma discussão acerca do vídeo da postagem no qual um homem tenta resgatar o seu automóvel em meio às ondas de uma praia. Alguns comentários julgam a atitude do homem ao segurar o veículo contra as águas, alegando que este estaria apegado aos bens materiais, outros comentários julgam a postura do cinegrafista, que filma o homem em sofrimento e não se dispõe a ajudar. Em relação a isto, todos os comentários, de alguma forma, colocam a cena em julgamento, seja pelo homem segurando o automóvel, seja pelo aparente desdém do cinegrafista frente a dor do outro.

CONCLUSÃO

A lógica predominante nas fotografias e vídeos da postagem é a mesma que predomina entre os comentários: a da separação, a da distinção e a do combate. Ao contrário da pesquisa de Barros (2008), em que se constata uma divergência importante do ponto de vista do imaginário dos dois universos estudados – o do fazer jornalismo e o dos protagonistas dos fatos jornalísticos -, aqui não existe contraste entre o que diz o jornalismo e o que dizem os comentaristas populares da notícia. Será que a lógica das imagens estudadas e dos comentários dos leitores se repete em função do apelo testemunhal das primeiras, de seu sequestro afetivo, de sua capacidade de abdução imediata? Esta pergunta abre o caminho para a continuidade da investigação centrada no potencial simbólico de fotografias e vídeos por causa da presentificação imediata dos fatos. O apelo testemunhal das imagens produzidas de modo mais ou menos automático, por meio de uma máquina, é tão forte que, mesmo com toda a alfabetização do olhar promovida pela fotografia digital e o uso massivo de recursos de manipulação de imagem,

a compreensão das implicações subjetivas de quaisquer imagens técnicas, como as batizou Flusser (2008), ainda não acompanhou esse movimento.

Por ora, a análise feita permite inferir uma mimetização do imaginário do fazer jornalismo por parte dos comentadores, levando à limitação das lógicas possíveis a uma lógica apenas, aquela escolhida pelo jornalismo. Mesmo que por vezes alguns comentários pareçam divergir de outros, a divergência se dá na superfície coercitiva do discurso; quando se busca a raiz pulsional, se encontra uma mesma lógica regendo a divergência que é, então, uma falsa divergência. O jornalismo hiperboliza o fato não porque busca o apelo para atrair leitores e sim porque atua a partir de cima, com seu olho uraniano, se colocando como um sol, uma espécie de divindade incumbida da missão de trazer luz à ignorância humana. No entanto, deixa de lado os comos e os porquês, traindo a promessa de tudo esclarecer. Assim, o combate à obscuridão é apenas um disfarce para a onipotência que a perspectiva do imaginário trai na atitude jornalística – e, aqui, os leitores-comentadores, aqueles que se sentem suficientemente à vontade e motivados para se exprimirem, mimetizam esse imaginário.

REFERÊNCIAS

BARROS, Ana Taís Martins. **Sob o nome de real**. Imaginários no jornalismo e no cotidiano. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

CICLONE YAKECAN causa mortes e provoca estragos em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul e no Uruguai. **Estadão**, São Paulo, 17 mai. 2022. Instagram: @estadao. Disponível em https://www.instagram.com/p/CdrldHBsTSU/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 03 jul. 2022.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIADE, M. **História das crenças e das ideias religiosas I**. Da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

HERNANDEZ, A. M. Atuação Fonoaudiológica em Neonatologia: Uma Proposta de Intervenção. In: ANDRADE, C.R.F. (org.) **Fonoaudiologia em Berçário Normal e de Risco**. São Paulo: Editora Lovise, 1996.

JUNG, C. G; KERÉNY, K. **Introduction à l'essence de la mythologie**. Paris: Payot & Rivages, 2016.

NACHTIGALL, L. Ciclone Yakecan avança com vento muito intenso e risco de danos. **MetSul Meteorologia**, [s.l.], 17 mai. 2022. Disponível em: <<https://metsul.com/ciclone-yakecan-chega-hoje-com-vento-muito-intenso-e-risco-de-danos/>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

OTTO, R. **O sagrado**. Um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e sua relação com o racional. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

RODRIGUES, G. **Sucção nutritiva e não-nutritiva em recém-nascidos pré-termo**: ritmo e taxa de sucção. 2007. 57 f. Monografia (Especialização em Distúrbios da Comunicação Humana). Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007. Disponível em: <http://jararaca.ufsm.br/websites/ppgdch/download/mono-2007/Gisele_R-MONO.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2022.